

“Déficit externo não preocupa”

Para ministro da Fazenda, conta corrente está sendo financiada de maneira correta

por Cristina Borges
do Rio

O déficit em conta corrente do balanço de pagamentos, que atingiu 2,9% do Produto Interno Bruto (PIB) nos dez meses deste ano, não é motivo de alarde. A afirmação é do ministro da Fazenda, Pedro Malan, que rebateu argumentos alarmistas para a desvalorização do real ao destacar que o importante na análise desse dado é como o déficit está sendo financiado. “Em igual período, houve o ingresso superior a US\$ 7 bilhões de investimentos diretos que estão financiando 40% do déficit em conta corrente”, acrescentou o ministro.

Em relação à crítica sobre o excesso de investimento externo em relação à poupança interna existente, Malan disse, categórico,

que “não queremos diminuir investimentos, queremos aumentar a poupança privada interna e reduzir a ‘despoupança’ pública”. No entender do ministro da Fazenda, o crescimento da poupança interna se dará através do desenvolvimento do mercado de capitais.

Presente à solenidade comemorativa dos vinte anos de criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que fiscaliza o mercado de capitais, Malan ressaltou que o País, agora, está ingressando em um novo ciclo de desenvolvimento econômico-social sustentado.

“Esse crescimento estará lastreado em volumes gradativamente maiores de poupança voluntária local e externa”, referindo-se ao caminho natural de as empresas buscarem o mercado de capitais para investir em eficiência na



Pedro Malan

competição interna e externa. O ministro prevê um deslocamento da poupança financeira em renda fixa para ativos de renda variável, capazes de rentabilidade maior. Para tanto, o mercado de capitais precisa for-

talear-se e a CVM contar com condições firmes para novo estágio de capacitação, acrescentou.

Malan considerou uma “bobagem” a teoria de que o Brasil não pode crescer com inflação baixa. Segundo o ministro da Fazenda, essa visão não tem sentido no mundo moderno, onde estes dois fatores caminham juntos. Malan ressaltou que o importante são os ganhos de produtividade que o país vem obtendo, que só foram possíveis com a queda da inflação para patamar abaixo de 10% ao ano.

“As empresas tiveram que aprender a conviver com inflação baixa e com a concorrência dos produtos importados. Esses fatores fizeram com que as empresas não pudessem mais transferir para os preços os aumentos de custos, inclusive os de ineficiência gerencial.”